

**MARCAS ICONOGRÁFICAS  
DAS INVASÕES FRANCESAS NO PORTO  
(BREVE ESTUDO)**

*José Manuel Tedim  
Universidade Portucalense. Porto*

Quando Portugal não aceitou cumprir as determinações napoleónicas que obrigavam a romper a velha Aliança com Inglaterra e impunham o fecho todos os seus portos, continentais e ultramarinos, a todo e qualquer contacto comercial e diplomático com aquele país, a França imperial avançou com parte dos seus exércitos para ocupar política e militarmente este país mais ocidental do continente Europeu.

A primeira invasão, comandada pelo General Junot, com muita facilidade acabou em Lisboa, dominando a cidade e todo o Portugal, colocando forças militares nas cidades estratégicas, como Porto, Braga, Coimbra, etc. Esta ocupação foi breve, pois em 1809, Napoleão, perante o fracasso da primeira investida, ordena que as suas tropas estacionadas na Galiza, invadissem Portugal a partir das suas fronteiras a Norte, o que acabou por acontecer quando, comandados pelo Marechal Soult, entraram e dominaram a cidade fortificada de Chaves.

A estratégia napoleónica passava por invadir o Porto para, logo de seguida, outros contingentes militares, estacionados na zona de Mérida e Salamanca, entrarem em Portugal em direção a Lisboa e Almeida, respetivamente.

Depois de tomada a cidade de Braga, com alguma facilidade, as tropas de Soult chegaram aos arredores do Porto (Fig. 1), cercando-a, para, depois de reunidas e reorganizadas, entrarem no seu espaço urbanizado, o que veio a acontecer no dia 29 de Março de 1809.

A cidade estava defendida por uma frágil linha de trincheiras e baterias com cerca de 10 km de extensão, sobre as colinas que circundavam a cidade, desde o Forte de S. João Batista da Foz do Douro até à capela de Bonfim. Os trabalhos de defesa foram efectuados sob a direcção de oficiais de engenharia portugueses e britânicos. Existiam quase 200 bocas de fogo de artilharia, as principais ruas da cidade foram barricadas e todo o dispositivo estava guarnecido por um exército pouco numeroso e mal preparado.

O exército que foi possível reunir para defender o Porto tinha cerca de 5 mil homens de tropas regulares, a maioria deles recrutados com poucas semanas de serviço, três ou quatro regimentos de milícias mal armados e de pouca disciplina e um número elevado de cidadãos com falta de armas, organização e qualquer experiência militar. Não se conhece ao certo o efectivo desta força, mas pensa-se que não seria inferior a 30 mil homens.

A cidade do Porto vive uma situação de pânico generalizado<sup>1</sup>. Os portugueses recusaram as propostas de Soult para se renderem e a Batalha do Porto (28 de Março de 1809) que se seguiu foi mais uma demonstração da falta de eficácia das forças improvisadas. As defesas portuguesas foram quebradas e a cidade caiu nas mãos dos franceses. A luta prolongou-se dentro da cidade, nas sucessivas barricadas que tinham sido levantadas em cada rua, mas sem possibilidades de conter o invasor. Para além das habituais atrocidades cometidas sobre a população, o desastre da Ponte das Barcas, provocado pela fuga desorganizada da população, provocou numerosas mortes<sup>2</sup>.

Após a ocupação do Porto, o General Soult enviou uma força para sul do Douro formada pela cavalaria de Franceschi e a infantaria de Mermet de forma a sustentar o avanço de tropas inglesas que se preparavam para avançar para a defesa da barra do Douro e respetiva expulsão das tropas francesas da cidade do Porto.

O Desastre da Ponte das Barcas (Fig. 2) foi algo que ficou na memória dos habitantes desta cidade do Porto. Logo após a expulsão dos franceses da cidade, em Maio de 1809, praticamente dois meses depois, a população da zona

<sup>1</sup> Ramos, Luís A. Oliveira Ramos, Direcção. História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994. P. 458

<sup>2</sup> Segundo alguns autores o número de vítimas andaria pelos milhares. Outros, mais sensatos, ficam-se pelas centenas de mortos.

ribeirinha da cidade mandou levantar um pequeno altar comemorativo do evento, transformando esse sítio em autêntico lugar de culto popular pelo sufrágio das alminhas do purgatório. Desse pequeno marco conhecemos uma pintura a óleo sobre cobre que regista o acontecimento (Fig. 3), nomeadamente a forma como as pessoas, em pânico, perante o avanço das baionetas das tropas francesas, se precipitaram sobre ela fazendo desmoronar a recém-criada (1806) ponte, dita, das barcas, obra do insigne arquiteto e engenheiro militar bracarense, Carlos Amarante (1748-1815).

Esta catástrofe e o culto das Almas dos que pereceram nela, teve grande impacto sobre as populações da cidade, principalmente dos bairros da zona marginal, de tal forma que entregaram o privilégio de controlar as esmolas que caíam na caixa das *Alminhas da Ribeira* e de tratar de celebrar missas de sufrágio à recém formada Irmandade das Almas do Purgatório de Nossa Senhora da Consolação, S. José e S. Nicolau Tolentino das Taipas (Fig. 4).

Este acontecimento permitiu que esta irmandade, a braços com a construção da sua própria capela, ultrapassassem essas dificuldades, conseguindo fazer erguer o edifício de forte sabor neoclássico e da autoria do já citado engenheiro bracarense, arquiteto Carlos Amarante, edifício que acabou por, no seu interior e nas suas atividades culturais, estar até hoje muito ligado a esta efeméride.

Nos nossos dias, nele se celebram missas de sufrágio pelas almas dos mortos da tragédia de 1809 e nele se guardam algumas das marcas mais sugestivas desse acontecimento, nomeadamente, o registo pictórico<sup>3</sup> que, noutros tempos, ocupou lugar de relevo no altar do pequeno monumento da Ribeira, bem como placas evocativas dos principais momentos da resistência portuguesa e seus aliados, durante as campanhas napoleónicas em Portugal (Fig. 5).

Se a pintura se guarda em altar próprio nesta igreja de Irmandade, nas popularmente chamadas Alminhas da ponte, conserva-se um bronze (Figs. 6 e 7) de José Joaquim Teixeira Lopes (1837-1918) que em 1897, executou para aí ser colocado em substituição da pintura, principalmente devido ao estado de degradação que rapidamente e facilmente a atingiu.

---

<sup>1</sup> Ver imagens 2 e 3

Nesse registo o escultor tratou o mesmo tema sem se afastar muito do original da pintura, acrescentando-lhe algum dramatismo bem visível na agitação das pessoas perante a derrocada da ponte, tudo abençoado por um conjunto de figuras celestes.

Desse momento conhecemos, também, um conjunto de belas gravuras cujo desenho é da autoria de José Teixeira Barreto (1763-1810) e execução de Raimundo Joaquim da Costa (1778-1862), gravuras que registam, de forma simbólica, a sujeição da cidade às tropas invasoras e a sua expulsão e recuperação da sua autonomia. Na primeira (Fig. 8) uma legenda explica o seu conteúdo. Refere:

“Dedicada ao Illmo. e Exmo. Senhor Nicolao Trant, Governador da Cidade do Porto, e Commandante da Guarnição da mesma. A Cidade do Porto, pobrememente vestida, e consternada entre cadêas, recusa aceitar a mortifera bandeira, que a França lhe intenta fazer tomar, privando-a cruelmente das suas antigas Armas, e das do seu Reino: O Douro esconde a face, horrorizado ao ver as suas margens juncadas de cadáveres. Em distancia se vê parte da ponte coberta de povo, que fugindo a tantos males vem a ser vítima dos bárbaros Franceses. O signo, que no Céu apparece denota a época desta catástrofe [29 Carneiro].”

A segunda (Fig. 9) diz:

“Dedicada ao Illmo., e Exmo. Senhor Nicolao Trant, Governador da Cidade do Porto e Commandante da Guarnição da mesma. A Cidade do Porto, d’entre as suas ruínas, he levantada pela Inglaterra, e Lusitania, dando-lhe aquella as suas antigas Armas, e mostrando-lhe esta o vitorioso Exercito Britânico que, acompanhado da Vitoria vem a resgatá-la. O Douro, mudando o pranto em gosto, se admira e pasma. Ao longe se vê o fogo com que os Ingleses, batendo os Franceses rapidamente passam o rio; ao mesmo tempo que os habitantes exultando saem a recebe-los. O signo celeste mostra a época deste feliz successo [12 Gémeos 1809].”

## Monu

Bem no conhecida co  
10) laudatóri  
arquitecto M  
1922), projec  
obra levou al  
cidade do Por  
em que se cor  
acabou, apena  
construção e a  
foi terminada,  
escultores He  
de muitos ano  
Boavista”.

Esta obra  
45 metros de  
(Fig. 11), quer  
esforço nacion  
Na base desta  
figuras de sold  
12).

O grupo es  
para fora do se  
esforço desenv  
ficaram conheç  
do elemento fe  
realce que é da  
14).

Quando er  
da ponte das Ba  
conjunto de cer  
arquitecto Eduar

### Monumento ao esforço nacional

Bem no centro do jardim da Praça de Mouzinho de Albuquerque, mais conhecida como Rotunda da Boavista, ergue-se imponente monumento (Fig. 10) laudatório dedicado aos bravos destas Guerras Peninsulares. Da autoria do arquitecto Marques da Silva (1869-1947) e do escultor Alves de Sousa (1884-1922), projecto escolhido de entre os três melhores a concurso público, esta obra levou alguns anos a ser concluída. Coube à Cooperativa dos Pedreiros da cidade do Porto o encargo de a construir, tendo-se iniciado as obras em 1909, ano em que se comemorava o primeiro centenário do desastre da Ponte das Barcas, acabou, apenas, por ser inaugurado em 1951. Dada a morosidade do tempo de construção e a morte do escultor Alves de Sousa, ainda jovem (38 anos), a obra foi terminada, depois de acesa discussão pelas elites da cidade, sob a direcção dos escultores Henrique Moreira (1890-1979) e Sousa Caldas (1894-1965), depois de muitos anos ser jocosamente chamado pelos portuenses como o “castiçal da Boavista”.

Esta obra organiza um programa escultórico que envolve um pedestal, de 45 metros de altura, que ostenta e fecha com um leão que esmaga uma águia (Fig. 11), querendo simbolizar o apoio que as tropas inglesas, o leão, deram ao esforço nacional português na derrota das forças invasoras napoleónicas, a águia. Na base desta coluna, esculpida em relevo na pedra, registam-se uma série de figuras de soldados e cenas dos combates ligados às guerras napoleónicas (Fig. 12).

O grupo escultórico que circunda este pedestal, chegando mesmo a extravasar para fora do seu perímetro, representa alguns dos principais momentos de todo o esforço desenvolvido pelos portugueses e seus aliados durante as campanhas que ficaram conhecidas por Invasões Francesas. Destaque para a constante presença do elemento feminino (Fig. 13) e todo o seu empenho no esforço coletivo, e o realce que é dado, mais uma vez, à catástrofe ribeirinha da segunda invasão (Fig. 14).

Quando em 29 de Março de 2009 se comemoravam os 200 anos do desastre da ponte das Barcas, mais uma vez a cidade do Porto as evocou. Para além dum conjunto de cerimónias públicas que decorreram em vários pontos da cidade, o arquiteto Eduardo Souto Moura (1952...) projetou e concebeu um monumento

evocativo desta data (Fig. 15), o que prova que este momento da história do Porto continua vivo, quer no que toca à afirmação do seu carácter de cidade livre, que sempre defendeu esse ideal, quer ao sentimento de perda de muitos dos seus cidadãos, que nunca esqueceu.

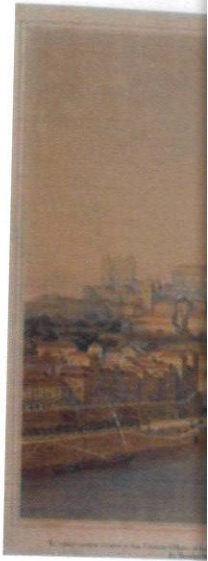


Fig. 1 Cerco d



Fig. 2 O desastre da

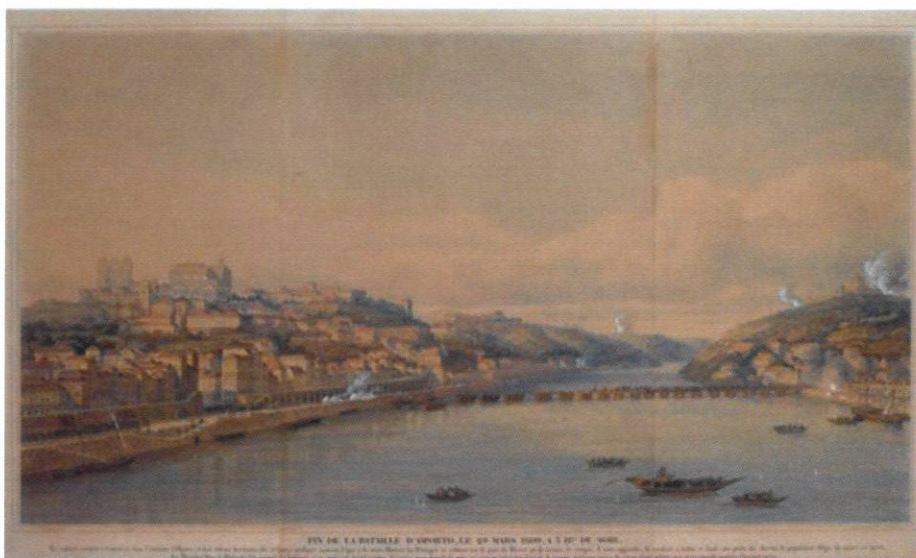


Fig. 1 Cerco da cidade do Porto. Março de 1809. Aguarela de Jung Théodore.



Fig. 2 O desastre da Ponte das Barcas, Porto, 29 de Março de 1809. Óleo sobre cobre.



Fig. 3 O desastre da Ponte das Barcas. Pormenor.



Fig. 4 Igreja da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação, S. Nicolau Tolentino e S. José das Taipas das Almas do Purgatório. Projeto do arquiteto Carlos Amarante.



Fig. 5 Retábulo das Memórias da igreja de S. José das Taipas.



Fig.6 Alminhas da Ribeira do Porto. Escultor Teixeira Lopes (pai).



Fig. 7 Alminhas da Ribeira do Porto. Pormenor.



Fig. 8 As tropas francesas dominam a cidade do Porto, enquanto o Rio Douro chora de tristeza. Alegoria. Gravura aguarelada – desenho de José Teixeira Barreto e gravura de Raimundo Joaquim da Costa. Séc. XIX.

Fig. 9 As tr  
jovialidade.

Fig. 10 M

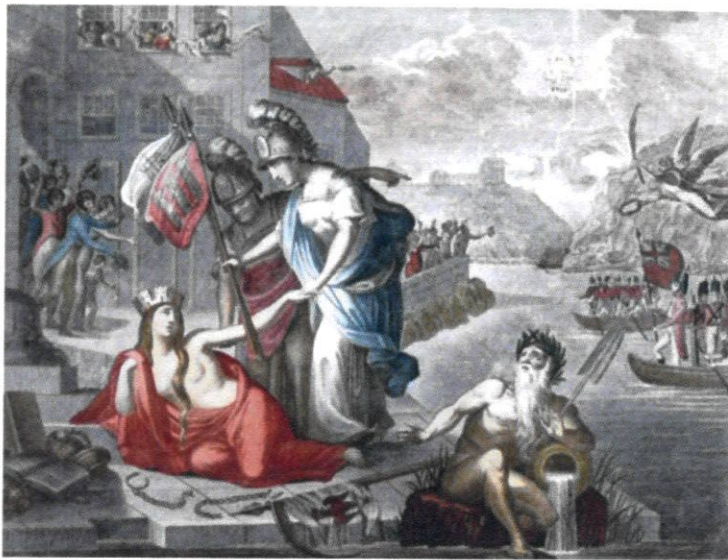


Fig. 9 As tropas inglesas libertam a cidade do Porto, enquanto o Rio Douro recupera a jovialidade. Alegoria. Gravura aguarelada – desenho de José Teixeira Barreto e gravura de Raimundo Joaquim da Costa. Séc. XIX.

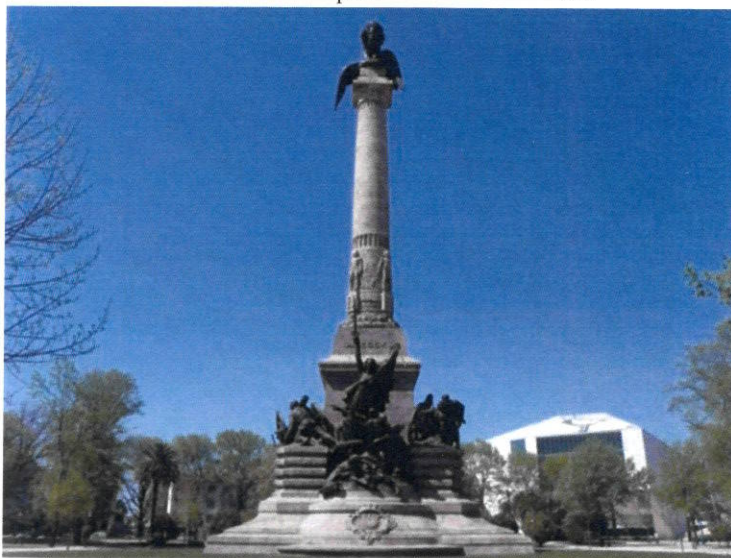


Fig. 10 Monumento ao esforço nacional. Obra do arquiteto Marques da Silva e do escultor Alves de Sousa. 1909.

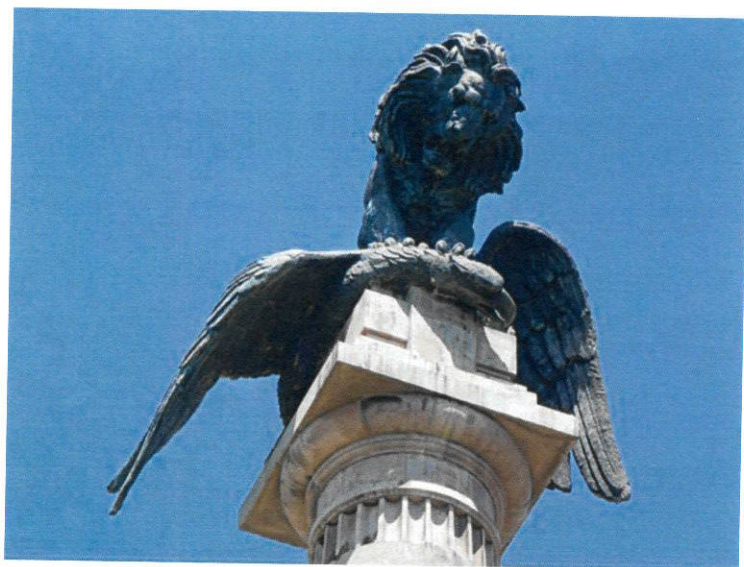


Fig. 11 Leão - representação simbólica da ajuda inglesa na vitória sobre a França napoleónica (Águia).



Fig. 12 Homenagem ao esforço de guerra das tropas estrangeiras.



Fi



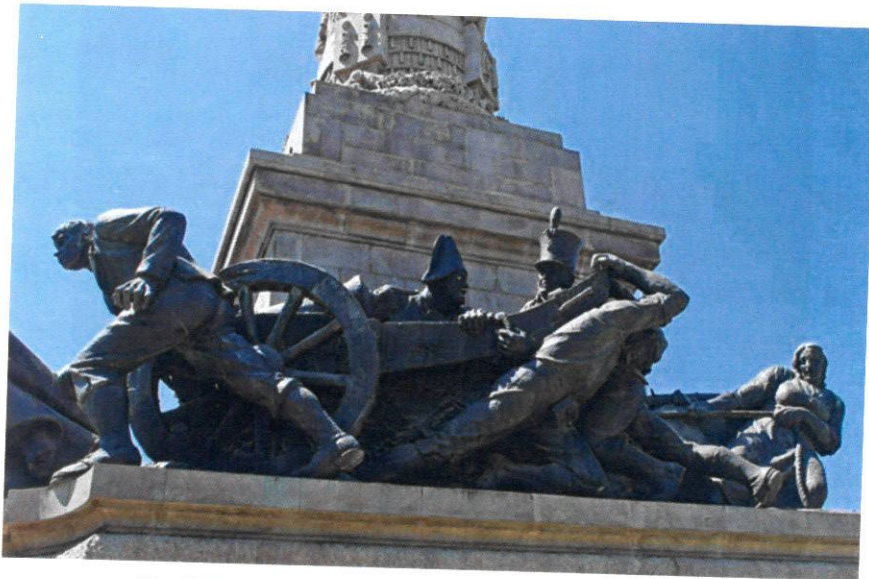


Fig. 13 Força popular no apoio aos exércitos organizados.



Fig. 14 Desastre da Ponte das Barcas.

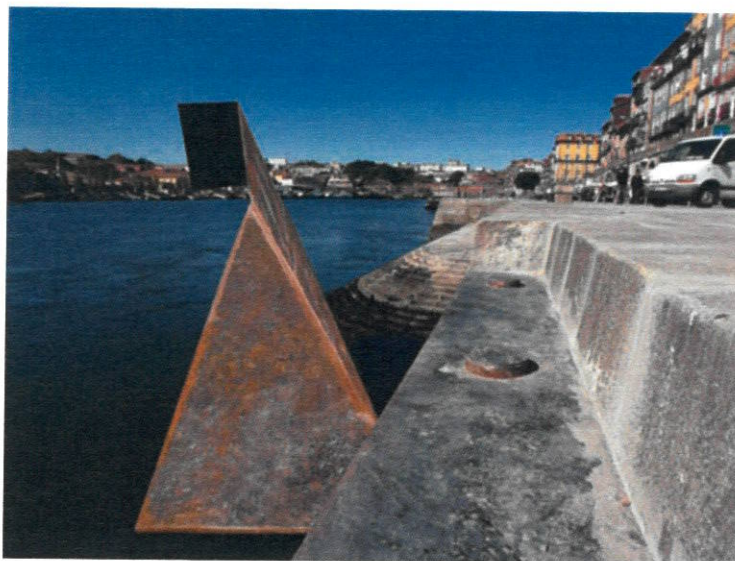


Fig. 15 Monumento de Souto Moura evocando os 200 anos do desastre da Ponte das Barcas, na Ribeira do Porto. 29 de Março de 2009.

EXTRE

BAJO

No ol  
indicar qu  
reflexionab  
extremeño  
siglo XVII  
artística qu  
indicado, a  
por los mo  
académicas  
manifestaci  
con mayor  
las más qu  
mitad del s  
el retablo c  
sin apenas  
Jerez de los  
mayor de la  
unos prime  
con aquella  
sumamente  
Fernando, d  
las manifest  
en primer l